Bill Evans
1929 - 1980

Alguns apontamentos sobre Bill Evans

Índice

- Alguns dados biográficos
- Algumas notas

Universidade de Aveiro
Junho de 2006
João Miguel Rosas

Alguns dados biográficos...

BILL EVANS (William John Evans) nasceu em Plainfield, New Jersey, em 16 de Agosto de 1929. Os pais quiseram que ele aprendesse música e mais do que um instrumento. Assim, começou a estudar piano aos seis, um ano mais tarde violino e flauta aos treze anos. No entanto, é como pianista e compositor que deixa marca na história da música. O seu primeiro treino musical terá sido na igreja Ortodoxa Russa que a Mãe frequentava. E a sua primeira influência terá sido o seu irmão Harry, dois anos mais velho e que foi o primeiro na família a ter lições de piano. Em 1945 lidera um grupo com o irmão e com Don Elliott. Mais tarde frequenta o *Southeastren Louisiana College* em Hammond, Louisiana, onde descobre o trabalho de alguns pianistas, como Horace Silver, Bud Powel, Nat King Cole, Lennie Tristano e que se tornaram uma grande influência. Durante parte deste tempo toca em trio com o guitarrista Mundell Lowe e com o baixista Red Mitchell. Termina o B.F.A. em 1950 com 20 anos. Hoje esta escola chama-se *Southeastren Louisiana University* e mantém um arquivo dedicado a Bill Evans, contendo uma colecção de materiais e relatos sobre a sua vida e trabalho. Depois de terminados estes estudos toca com Herbie Fields durante aproximadamente seis meses. Entre 1951 e 1954 cumpre serviço militar no exército, onde mantém a sua ligação à música tocando flauta numa banda. Terminado este tempo, decide prosseguir uma carreira no jazz e muda-se para New York, onde estuda no *Mannes College of Music*. Toca na banda do clarinetista Jerry Wald e do saxofonista Tony Scott e torna-se conhecido como um músico excepcional. A sua primeira gravação a nível profissional foi com Lucy Reed em 1955 (Lucy Reed, voz; Bill Evans, piano; Howard Collins, guitarra; Bob Carter, contrabaixo; Sol Gubin, bateria). Depois toca no sexteto de George Russell com quem chega também a gravar. No entanto, o seu álbum de estreia com um trio próprio acontece em 1956. Neste ano Mundell Lowe telefona a Orrin Keepnews e Bill Grauer da Riverside e convence-os a ouvir uma gravação de Bill Evans pelo telefone. Mas este insólito episódio foi o suficiente para ficarem convencidos de que tinham que gravar aquele pianista. E assim foi. Bill Evans escolhe Paul Motian, o seu baterista com Tony Scott, e Teddy Kotick, um excelente jovem contrabaixista que já tinha trabalhado com Charlie Parker e Stan Getz. Gravam 11 peças num só dia, a 27 de Setembro de 1956, das quais 4 são originais de Bill Evans: *Five*; *Conceptions*; *No Cover*, *No Minimum*; e *Waltz for Debbie*. O álbum tem o título *New Jazz Conceptions* e foi muito elogiado pela crítica, no entanto, só vendeu 800 cópias no primeiro ano.

Nos tempos seguintes toca como sideman com vários músicos, como o trombonista Bob Brookmeyer, o trompetista Art Farmer, o saxofonista Lee Konitz, o contrabaixista Charles Mingus, entre outros.

Entretanto, Miles Davis procura um pianista e chega até Bill Evans através de George Russell. Juntos gravam vários álbuns entre Fevereiro e Novembro de

1958. Esta intensa actividade é interrompida e Evans grava em Dezembro de 1958, o seu segundo álbum como líder novamente para a Riverside. Para esta gravação, convida o baterista de Miles, Philly Joe Jones, com quem tinha já trabalhado muitas vezes e o baixista de Dizzy Gillespie, Sam Jones. O álbum tem o título de *Everybody Digs Bill Evans*. Em termos de vendas foi bastante melhor do que o primeiro.

Segue-se *Kind of Blue*. Uma obra-prima gravada em 1959 (os primeiros três temas em 2 de Março e os restantes três em 22 de Abril) que teve como líder Miles Davis e o enorme contributo de todos os restantes músicos. Como é referido na contracapa do álbum, num texto intitulado "Improvisation in Jazz" escrito por Bill Evans: "(...) Miles concebeu esses esquemas apenas algumas horas antes das sessões de gravação, e chegou com esboços que indicavam ao grupo o que deveria ser tocado. Portanto, nestas execuções você irá escutar algo que está próximo da pura espontaneidade. O grupo nunca havia tocado estas peças antes da gravação, e creio que, sem excepção, a primeira interpretação de cada uma foi tomada como um take. (...)". O resultado foi um álbum incontornável na história do jazz.

Ainda em 1959, durante o verão, passa pela faculdade da *School of Jazz*, Lenox, Massachusetts, e, ainda nesse ano, participa com John Lewis na banda sonora para o filme "Odds Against Tomorrow".

Depois, e até 1961, lidera um trio com o baterista Paul Motian e o contrabaixista Scott LaFaro. Aqui, Evans revela uma concepção do trio piano - contrabaixo - bateria, diferente da que prevalecia na época, dando um papel equivalente a cada instrumento, permitindo desta forma conversas tripartidas que revelam um entendimento total entre os referidos músicos. Gravaram 4 álbuns: *Portrait in Jazz*; *Explorations*; *Sunday at the Village Vanguard* e *Waltz for Debby*. Estes dois últimos, merecem a classificação de topo no "The Penguin Guide to Jazz" que é atribuída em muito poucos casos, sendo estes os únicos álbuns de Bill Evans a merecer esta distinção. Os dois primeiros merecem a classificação imediatamente a seguir, ou seja, quatro estrelas, significando uma gravação fora de série e um exemplo notável do trabalho do artista. De referir ainda que *Sunday at the Village Vanguard* valeu a Bill Evans a sua primeira nomeação para um prémio Grammy. Tudo isto é revelador da qualidade destas gravações. Infelizmente, este trio termina abruptamente com a morte prematura de Scott LaFaro num acidente de automóvel em 7 de Junho de 1961, aos 25 anos de idade. Os quatro álbuns referidos marcam o jazz pela nova forma de encarar o trio de piano e pelo entendimento entre os músicos, nomeadamente entre Bill Evans e Scott LaFaro.

Depois da morte de LaFaro, Bill Evans toca com outras formações, voltando a gravar em trio no *Birdland* em fevereiro de 1962, com Paul Motian na bateria e Chuck Israels no contrabaixo.

Em fevereiro de 1963 grava o álbum *Conversations with Myself* no qual ele toca dois e três pianos em pistas por sobreposição. Terá sido de Evans que partiu a ideia e a vontade para gravar este álbum, baseado no seguinte princípio: se um pianista, um baixista e um baterista conseguem ter uma ligação entre eles, então será possível desenvolver uma relação ainda mais estreita quando as três partes são tocadas pela mesma pessoa. Esta técnica tinha já sido usada por outros músicos, nomeadamente por outro pianista de jazz, Lennie Tristano. Apesar de não ser uma novidade, era algo tecnicamente avançado para a época, de tal forma que os problemas técnicos surgidos no início das

gravações, terão levado Bill Evans a pensar em desistir da ideia, o que felizmente acabou por não acontecer. O álbum recebeu excelentes críticas e deu a Bill Evans o primeiro dos seus sete prémios Grammy. Antes desta gravação Evans era já um dos pianistas de jazz mais respeitados na época, no entanto, *Conersations with Myself* deu-lhe uma enorme notoriedade, tendo-lhe aberto as portas para concertos na Europa, South América, Japão, e também mais oportunidades de trabalho nos Estados Unidos. Bill Evans gravou mais dois álbuns utilizando esta técnica, *Further Conversations with Myself* em 1967 e *New Conversations* em 1978.

Nos anos 60 e 70 toca, a maior parte das vezes, a solo ou em trios, com contabaixistas como o já referido Chuck Israels, ou Gary Peacock ou ainda Eddie Gómez, e bateristas incluindo Marty Morell, Joe Hunt, Philly Joe Jones, Eliot Zigmund, Shelly Manne. Na última parte dos anos setenta e até à sua morte, o seu trio incluiu Marc Johnson, baixo, e Joe LaBarbera, baterista. Tocou ainda noutras formações com músicos como Lee Konitz (saxofone alto), Warne Marsh (saxofone tenor), Larry Schneider (saxofone tenor), Kenny Burrell (guitarra), Toots Thielemans (harmónica), entre muitos outros. De referir ainda os duos com Jim Hall (guitarra) e as gravações com Tony Bennett.

Tocou em Portugal, no verão de 1975, em dois concertos, ambos em duo com o contrabaixista Eddie Gomez. O primeiro no Teatro Nacional de São Carlos (este foi também o primeiro concerto de jazz apresentado neste teatro) e depois no Estoril, no antigo pavilhão de congressos.

Evans cedo encontrou a sua própria personalidade e construiu o seu estilo. Com o decorrer dos anos, foi-se tornando mais conhecido e os seus álbuns foram-se vendendo cada vez mais. Tocou durante toda a sua vida, participou nos mais importantes festivais de jazz, participou em diversos programas de televisão, e manteve sempre um excelente padrão de qualidade.

Conseguiu manter esta regularidade apesar de uma conturbada vida pessoal, com uma relação de dependência com a heroína que foi quebrando durante alguns períodos. Em 1970, a sua Esposa Ellain suicida-se atirando-se para debaixo de um comboio/metro. Algum tempo depois, Evans submete-se a um tratamento e mantem-se afastado das drogas praticamente durante toda a sua última década de vida. Volta a casar. No álbum *New Conversations* de 1978 pode ouvir-se um tema dedicado à sua segunda Esposa “for Nenette”, seu nome. Têm um filho, Evan, para quem compôs a bonita melodia “Letter to Evan”. O seu envolvimento com a cocaína em 1979 revelou-se fatal. Morre em New York em 15 de Setembro de 1980.

Algumas notas...

Falar sobre Bill Evans... dizer que... foi um dos maiores pianistas de jazz... enfim, já todos o sabemos. Dizer o quê, então?? Dizer o que sinto quando o ouço, o que a sua música, a sua forma de tocar me transmite. E é muito de facto. Mas não será fácil traduzir em palavras, "a música não se explica, sente-se", a frase não é minha, mas acho que faz muito sentido.
Já ouvi Bill Evans, em gravações, nunca tive o prazer de o ouvir ao vivo. Já li textos sobre a sua vida, sobre a sua música. Já falei, e principalmente ouvi falar, quem o conhece, a ele, o piano e o jazz melhor, muito melhor do que eu. Uma vez falava com um professor de piano e quando, a dada altura referi o nome de Bill Evans ele interrompe-me de passagem e diz "o pai de nós todos...". Provavelmente algum exagero levado pelo entusiasmo da conversa, mas que se aceita. Bill Evans é habitualmente referido como sendo o pianista mais influente da sua geração e continua a ser um modelo, uma referência. Sem dúvida alguma marcou o piano no jazz e deixou marcas em muitos dos pianistas posteriores, como Chick Corea, Herbie Hancock, Keith Jarret, Steve Kuhn, Hampton Hawes, Paul Bley, Michel Petrucciani, e muitos outros.
Desde muito cedo construiu um estilo criando a sua própria personalidade. No entanto, como ele próprio afirma «"Tive que trabalhar muitíssimo e passar muito tempo a procurar, mergulhar e extrair antes de chegar a alguma coisa" (Jazz Magazine).»[1]. A verdade é que o resultado foi excelente. Foram novos mundos harmónicos que se abriram para o jazz. Trabalhou a harmonia no piano como mais ninguém. Explorou os acordes ao máximo, as suas extensões e inversões, todos os seus movimentos internos de vozes, resultando acordes com uma enorme densidade. Assim, criou uma música muito pessoal, tendo sempre um imenso cuidado com a sua sonoridade. E de facto ela soa muito bem, curiosamente, mesmo para quem não tenha uma grande ligação ao jazz. É um músico que, como refere Bernardo Sassetti, "(...) sugere uma estética singular, uma ponte entre a música erudita e a tradição do jazz. (...)" [2]. É um pianista delicado, tímido. Uma timidez que se nota, em minha opinião, fundamentalmente quando toca a solo, não tanto nas formações que lidera, e ainda menos quando acompanha outras formações. Dá a sensação que os restantes músicos lhe vão quebrando essa timidez e de certa forma o vão arrastando para uma maior "agressividade". É um músico que segue todas as suas ideias até ao fim. Sempre que inicia algo, irá terminá-lo. Resolve todas as situações, não deixando momentos de tensão em suspenso sem uma resolução.
Interpretou e re-intrepretou temas que se repetem de disco para disco num desenvolvimento permanente. Do próprio Bill Evans: «"Digo muitas vezes que não basta criar uma música, é preciso viver com ela... Vale mais trabalhar o mesmo tema vinte e quatro horas do que vinte e quatro temas numa hora" (Jazz-Hot).» [3]. Este conceito de insistência e busca permanente está presente em toda a sua obra.
É preciso ouvir, ouvir, ouvir...

---

[1] ARNAUD; CHESNEL
[2] SASSETTI, p. 17
[3] ARNAUD; CHESNEL

Díptico para Bill Evans [4]

I
Tocava
Muito inclinado
Como quem ouve
Cada vez mais fundo

II
Não tocava

Abria um espaço
Que nos permitia
Ouvir

Londres
27 de Janeiro 91

[4] LACERDA, Alberto de – *Díptico para Bill Evans. In* Duarte, José; Alves, Ricardo António – POEZZ. Jazz na poesia em língua portuguesa. Coimbra: Almedina, 2004. p. 185

Montreux Jazz Festival, 1978

Bibliografia consultada:

FEATHER, Leonard; GITLER, Ira – The biographical encyclopedia of jazz. New York: Oxford University Press, 1999. pp. 213 – 214.

VELOSO, Manuel Jorge – *Conversas com os meus botões (a propósito de Bill Evans). In* AAVV – *O Papel do Jazz.* Nº 2. Lisboa: Edições Cotovia, 1997. pp.22 – 32.

COOK, Richard; MORTON, Brian – The Penguin Guide to Jazz on CD. 7th edition. London (etc.): Penguin Books, 2004. pp. 520 – 526.

ARNAUD, Gérald; CHESNEL, Jacques – *Os grandes criadores de jazz*. Lisboa : Editora Pergaminho, 1991. p.53

Outras fontes consultadas:

SASSETTI, Bernardo – *Pianistas, pianistas, pianistas. In* Duarte, José; Centro de Estudos de Jazz Universidade de Aveiro (projecto de) – let's jazz em público. Vol. 3. Público, Comunicação Social, 2005

http://www.allaboutjazz.com/php/article_print.php?id=14599 (24-03-2006)